

INDICADORES DE BEM-ESTAR PARA POVOS TRADICIONAIS (IBPT): CENTRO DE UMBANDA XANGÔ DA MATA VIRGEM¹

*Everson Jaques Vargas
Luiz Felipe Barbosa Lacerda
Adevanir Aparecida Pinheiro
Sueli Angelita dos Santos
Inácio José Spohr
João Batista dos Santos*

Resumo: O texto propõe analisar a aplicação dos Indicadores de Bem-Estar para Povos de Tradicionais (IBPT), neste sentido, o “Centro de Umbanda Xangô da Mata Virgem”. Os IBPT possuem um arranjo de cinco capacidades, construídas a partir das narrativas dos próprios povos tradicionais – povos de Terreiro: Capacidade de Controle Coletivo do Território; Capacidade de Agenciamento Cultural Autônomo; Capacidade de Autonomia Alimentar; Capacidade de Construir um Ambiente Tranquilo e Capacidade de Autocuidado e Reprodução. Estas cinco capacidades se ramificam entre vinte indicadores sociais, econômicos, culturais, ambientais e espirituais que regimentam a análise das demandas desses povos. Empregam-se os indicadores para auxiliar essas comunidades a visualizarem suas potencialidades, suas vulnerabilidades e encontrarem soluções estratégicas para elas. É um processo de produção de informações próprias que busca maior empoderamento, auto-

1 Artigo publicado anteriormente em: VARGAS, Everson Jaques *et al.* Indicadores de Bem-estar para Povos Tradicionais (IBPT): Centro de Umbanda Xangô da Mata Virgem. *Caderno do CEAS*, Salvador/Recife, v. 243, p. 162-188, 2018. Disponível em: <http://cadernosdoceas.ucsal.br/index.php/cadernosdoceas/article/download/406/364>.

conhecimento e emancipação. Busca-se explorar as potencialidades dos dispositivos sociais que efetivamente se inserem na realidade dos povos tradicionais, dando suporte para criação de modos de vida autogestionados e coletivos. O texto nos guia para um estudo apurado sobre o funcionamento do Centro de Umbanda Xangô da Mata Virgem.

Palavras-chave: Indicadores de Bem-Estar para Povos Tradicionais. Centro de Umbanda Xangô da Mata Virgem. Povos Tradicionais. Capacidades.

Introdução

Os IBPT apoiam-se em cinco capacidades elencadas a partir das narrativas dos próprios povos tradicionais: (i) Capacidade de Controle Coletivo do Território; (ii) Capacidade de Agenciamento Cultural Autônomo; (iii) Capacidade de Autonomia Alimentar; (iv) Capacidade de Construir um Ambiente Tranquilo e; (v) Capacidade de Autocuidado e Reprodução. Estas cinco capacidades subdividem-se em vinte indicadores sociais, econômicos, culturais, ambientais e espirituais que espelhados em perguntas metodológicas nos possibilitam a construção conceitual do bem-estar para aquela população, naquele dado momento.

Dessa maneira, ao final do processo de pesquisa, cada comunidade, no caso estudado o Centro de Umbanda Xangô da Mata Virgem, possuirá o seu bem-estar específico, respeitando a sua singularidade. Os IBPT, nesse cenário, mostram-se enquanto metodologia socioambiental capaz de auxiliar as comunidades na identificação e análise de suas vulnerabilidades e fortalezas, produzindo uma leitura fidedigna da realidade local e, dessa forma, melhorando a qualidade de vida através do subsidio assertivo aos projetos e políticas públicas que se pretendem desenvolver.

Tal metodologia se alicerça no processo ascendente de melhoria, aperfeiçoamento e adaptações, através de suas capacidades essenciais e seus derivativos indicadores, vem sendo aplicada em conjunto com diversos povos tradicionais, principalmente no Brasil através do Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (OLMA) e seus múltiplos parceiros; e na Colômbia através do Instituto Amazónico de Investigaciones Científicas, Sinchi.

O caso de aplicação dos IBPT que trazemos neste artigo refere-se justamente a uma destas parcerias em território brasileiro entre OLMA e o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Neabi/Unisinos), aliados às Casas de religião, de Umbanda e de matriz africana da cidade de São Leopoldo/RS, aqui especificamente relatada através do Centro de Umbanda Xangô da Mata Virgem.

Para isto, iniciamos com uma síntese da constituição das religiões da Umbanda e de matriz africana, em especial a Umbanda, no estado do Rio Grande do Sul, passando a sua análise no contexto da cidade de São Leopoldo, para posteriormente contextualizarmos o Terreiro tradicional aqui em foco e os resultados derivados deste processo de aplicação dos indicadores de Bem-Estar.

A Umbanda no Rio Grande do Sul

O seguinte estudo sobre a Umbanda no Rio Grande do Sul comporta uma assimetria elementar e rizomática, trazendo para a contribuição da Umbanda em solo gaúcho, uma discussão fomentadora, que é entender a diversidade intercultural dessa religião e expandi-la para o seu cruzamento com outros *lados*, a conhecida *linha cruzada*.

A Linha Cruzada contempla, no mínimo, três *linhas* (ou *lados*): o *Batuque* e/ou a *Nação* (Orixás), a *Umbanda* (Caboclos/as, Pretos-Velhos, Crianças, *Ibejis*) e a *Gira* e/ou *Quimbanda* (Exus, Pombagiras, Povo do Oriente, *Povo Cigano*). Cada uma delas possui seus rituais diferentes que se conectam (ou não) com as outras diferenças de cada *lado* (Andrade; Mello; Holanda, 2015, p. 23).

No desafio de contemplar a Umbanda e suas contribuições como crença, fé e expressão religiosa em território gaúcho, percorreremos brevemente a história do *Batuque gaúcho*² e, logo em seguida, explanaremos sobre a criação da primeira tenda de Umbanda no Rio Grande do Sul, passando por pequenos dados desta que foi a precursora dos demais Centros em solo gaúcho.

2 Forma singular de nomear as expressões e rituais das religiões de matrizes africanas no Rio Grande do Sul. Para um breve diálogo, vide: PINHEIRO, Adevanir Aparecida (org.). *África e afrodescendentes no sul do Brasil: história, religião e educação*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2015.

Apesar de manter-se viva a história do Batuque gaúcho durante quase dois séculos, nota-se que há uma lacuna no que diz respeito a documentos fidedignos e construídos por pessoas que foram protagonistas dessa religião. O Rio Grande do Sul (RS) possui a população estimada em 11.322.895 (IBGE, 2017) e dentre estas, as que se definem enquanto adeptas da Umbanda e/ou do Candomblé não passam de 157.599 pessoas, isto é, 1,3% da população gaúcha.

Contudo, na prática das grandes e pequenas cidades do estado estima-se que esses números podem ser maiores, visto que, há um forte preconceito regional existente a respeito das pessoas e das práticas religiosas alinhadas às matrizes africanas no estado. Muitas pessoas que vivenciam tal crença religiosa, não se sentem seguras em se autodeclararem *batuqueiras* ou *umbandistas*.

Quando se busca escrever sobre a história das religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul, agudamente ouve-se falar no nome do *Príncipe Custódio*³ e sua família, como a figura introdutora e protagonista dos rituais de Batuque no sul. Porém, há indícios de pesquisadores, *Babalorixás* e *Ialorixás* que mencionam a presença do Batuque no estado desde meados de 1833, conjecturando-se com a expansão do Candomblé na Bahia (Carneiro, 1991).

Diante de alguns impasses documentais, avalia-se que pelo Rio Grande do Sul ter participado dos terríveis pedestais da escravização negra no Brasil, desde meados do século XVII, é provável que algumas expressões religiosas de matriz africana tenham aparecido bem antes do documentado, principalmente por negros oriundos do Rio de Janeiro em regime de escravidão e desembarcados no porto de Rio Grande, trazendo consigo tal prática religiosa, sua proliferação oral e ancestral pelo território.

Foi apenas no início do século XX, mais precisamente em 1926, que se constituiu publicamente a primeira tenda de Umbanda no Rio Grande do Sul fundada pelo senhor *Otacílio Charão*⁴. No início, a Casa não possuía uma sede fixa, então se migrava de reunião em reunião, de acordo com a disponibilidade dos seus membros, mas foi no mesmo

3 Personagem de uma família imperial de Daomé (atual Benin) do final do século XIX, mais precisamente em 1897, que veio ao Brasil por um acordo político feito com a coroa inglesa.

4 Otacílio Charão é um personagem histórico natural de Santa Maria (RS). Fundou o Centro Espírita Reino de São Jorge, que foi registrado em cartório em 1932. Para mais informações. Disponível em: <https://registrosdeumbanda.wordpress.com/2010/09/02/a-provavel-tenda-de-umbanda-mais-antiga-do-rs/>. Acesso em: 9 set. 2021.

ano de sua fundação, frente ao comprometimento de seus integrantes, que em 1926 o Centro se fixou na Rua General Abreu nº 497, Cidade Nova, Rio Grande, RS.

É possível mencionar que o fundador da primeira Casa de Umbanda, denominada *Centro Espírita Reino de São Jorge* (CERSJ), tenha percorrido o território religioso carioca e trazido alguns ensinamentos da Umbanda e da Macumba para o Rio Grande do Sul. Há muita especulação e mal-entendidos gerados pela falta de escrituras e documentos que legitimem os cerimoniais efetuados neste Centro Espírita de Umbanda, porém, um pesquisador movido pela curiosidade em escrever e documentar a história da Umbanda no Estado promoveu a seguinte reflexão sobre o Centro, de acordo com Guimarães (2010, p. 1):

De sua origem até meados da década de 1970, o CERSJ seguia uma doutrina de Umbanda de Mesa Branca, com as seguintes características: era proibida a utilização de quaisquer instrumentos de percussão; os cantos só podiam ser acompanhados com o bater de palmas e/ou o pé no chão; era autorizada a incorporação de apenas dois Exus, no caso as entidades Exu Tiriri e Exu de Manegum; era proibido o uso de guias ou colares ritualísticos [...]; pessoas separadas ou divorciadas eram proibidas de fazerem parte do quadro de sócios ou de participarem na corrente de trabalhos mediúnicos.

Nota-se que a organização institucional do CERSJ era muito particular, contrastando com um entendimento singular dos seus membros sobre a doutrina umbandista. Outras informações também foram encontradas sobre o Centro, como a diferenciação de vestimentas entre homens, mulheres e crianças; a participação das crianças nas cerimônias; a contribuição particular de cada membro; o auxílio a membros que comprovassem as suas vulnerabilidades sociais e o horário de funcionamento, que se situava entre 20h00 e a 00h00, pontualmente.

Outro local que ajudou a fazer história e marcou a territorialização da Umbanda no Rio Grande do Sul foi a *Congregação dos Franciscanos Espíritos de Umbanda*, fundada por Laudelino de Souza Gomes na Rua Lima e Silva, Porto Alegre, RS, em 1932. Ainda hoje possui sua sede nesta cidade. Este local está registrado como segundo Centro mais antigo do Rio Grande do Sul e foi responsável por *aprontar* outros tantos sacerdotes de Umbanda da grande Porto Alegre e do interior do Estado.

Sobre a cerimônia de aprontamento temos a seguinte contribuição dos autores:

Dependendo do *lado* na religião, existem diferentes *aprontamentos*: há o *apronte pelo lado da Umbanda* (o *Amaci de ervas*), do *lado do Batuque* (que passa pelo *bori* e *quatro-pés*) e, ainda, o *Amaci cruzado* (que pode incluir o vinho, enquanto sangue, e também o próprio sangue de animais).

O *aprontamento* é o processo iniciático na religião que, de certa forma, quebra com o dualismo entre, de um lado, o dado (*dom*) e, de outro, o feito (iniciação). É que a pessoa já nasce (*vem de berço*) com o *dom*: resta-lhe, portanto, desenvolver, *aprontar-se na religião* [...]. O *aprontamento na religião* é algo constante: o corpo, a partir disto, está sendo composto por diferentes potências e este processo opera-se desde a primeira revelação, pelos búzios, de quem são os/as orixás da pessoa (Andrade; Mello; Holanda, 2015, p. 27).

Depois de aprontados na Umbanda ou na Linha Cruzada, o umbandista ou batuqueiro terá o direito de ter o corpo ocupado pela entidade, e, portanto, esta terá o direito do axé de fala; ademais, o aprontado terá o direito de abrir a sua Casa de religião e ter os seus próprios filhos-de-santo.

De acordo com o IBGE (2010), entre os censos de 2000 e 2010, aumentou 25,13% o número de pessoas que se autodenominam umbandistas no estado do Rio Grande do Sul. Somente a Federação de Umbandistas do Rio Grande do Sul (FAUS) em 2017 contabilizou mais de 3.000 Terreiros filiados.⁵

A Umbanda na cidade de São Leopoldo

O município de São Leopoldo situa-se a 32 km de Porto Alegre, fazendo fronteira com os municípios de Estância Velha, Novo Hamburgo, Sapucaia do Sul, Portão e Gravataí. Atualmente possui 214 mil habitantes, segundo o censo demográfico do IBGE de 2010. A cidade é conhecida como o berço da colonização alemã no estado; município em que chegaram as primeiras 39 pessoas oriundas da Alemanha no dia

5 Para mais informações, consulte o site da Federação Afro Umbandista e Espiritualista do Rio Grande do Sul, em: <http://fauers.com.br>.

25 de Julho de 1824⁶. Nos dias atuais, essa data é comemorada como o *São Leopoldo Fest*, trazendo à tona a forte influência e dominância da comunidade alemã na cidade.

Entre as 39 pessoas que desembarcaram na Feitoria de Linho-Cânhamo⁷ – atual Casa do Imigrante –, local onde foram abrigados anteriormente negros escravizados indígenas e açorianos – 33 delas se auto-declaravam evangélicas e 6 expressavam a fé católica. Diante da chegada destes imigrantes, o entorno sociocultural desta região mudou completamente, explicitando esta realidade ainda nos dias de hoje (Follmann *et al.*, 2017, p. 82).

De acordo com Follmann (2017, p. 23) a cidade de São Leopoldo dispõe de uma forma miscigenada de viver as religiões; são modos híbridos de vivenciarem os processos de identidade, adquiridos ao longo das relações religiosas experimentadas no meio urbano, multicultural, ainda que 66% da população leopoldense se autodeclare católica (IBGE, 2010).

Seguindo os números do censo, 12% da população se autodeclara luterana, anglicana; 12% consideram-se pentecostais e neopentecostais; 4,5% da população leopoldense se autodeclara sem religião; seguido por 2,6% que se nomeiam espíritas, 1,2% adeptos da Umbanda e religião de matriz africana, finalmente, 1,7% são representantes de outras religiões.

Percebe-se que comparando os números oriundos das estatísticas federais – (0,3%) com os números regionais, que chegam a 1,3% da população do Estado, e os números municipais extraídos do IBGE, com uma série de limitações qualitativas diante dos resultados, avalia-se que o percentual de adeptos à Umbanda no município é de 1,2% da população, sofrendo uma leve queda na comparação com o estado gaúcho, entretanto, segundo Follmann *et al.* (2017, p. 85):

A partir de dados reunidos pela Associação Afro-Umbandista de São Leopoldo e pela Associação Leopoldense de Candomblé, Umbanda e Cultos Afro-brasileiros (ALCUCAB), estariam em funcionamento no município aproximadamente 468 Casas de Religião Africana.

6 Disponível em: http://www.jornalvs.com.br/_conteudo/2014/07/noticias/regiao/66746-o-desembarque-dos-primeiros-imigrantes-alemaes-no-brasil.html. Acesso em: 21 dez. 2018.

7 FOLLMANN, José Ivo; PINHEIRO, Adevanir Aparecida. Afrodescendentes em São Leopoldo: memória coletiva e processos de identidade. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 47, n. 2, p. 141-152, maio/ago. 2011.

Em relação a este dado, o professor Inácio José Spohr – professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos/Unisinos –, que está à frente do programa GDIREC – Gestando o Diálogo Inter-religioso e Ecumenismo pertencente ao Neabi⁸, traz uma contribuição precisa: se cada Casa de religião tiver dez a vinte adeptos, já se ultrapassa o número de pessoas que se autodeclararam umbandistas no censo do IBGE de 2010. Este fato merece uma análise aprofundada, pois denuncia a dificuldade que os cidadãos leopoldenses enfrentam em se autodeclararem publicamente umbandistas.

É sobejamente conhecido o fato de que o grupo das Religiões Afro-Brasileiras que, devido à sua herança histórica – aqui considero tão somente as existentes em São Leopoldo –, são numericamente sub-representação, principalmente quando se trata de dados emanados dos Censos. Isso porque nem sempre os adeptos desses credos encontram condições suficientes que permitam deixar inequivocamente clara sua pertença religiosa. Com frequência marcam a opção “católica” (religião dominante e socialmente mais palatável), quando efetivamente fazem parte da Umbanda, do Batuque ou mesmo do Espiritismo. Posto isso, os dados apresentados pela Amostra do Censo Demográfico de 2010 denotam estas mesmas ou outras inconstâncias, quando se trata das religiões Afro-Brasileiras no município de São Leopoldo [...] ⁹.

Ademais, como bem salienta Spohr ao longo da versão digital do Observasinos, IHU. ¹⁰

Pretos e pardos somam, portanto, 28,51% nestas casas, enquanto que os “brancos africanistas” (permita-nos que os designemos assim) perfazem 71,49%. Por conseguinte, os dados do Censo confirmam, por um lado, que a grande maioria dos que frequentam religiões afro-brasileiras é formada de brancos e que, nestas mesmas casas, pretos e pardos participam em número que supera sua representatividade real na região. E, por outro, confirmam que as religiões afro-brasileiras não são religiões só de negros, mas também não confirmam a ideia de que sejam (absolutamente) branca.

8 Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas, pertencente à Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos / São Leopoldo – RS.

9 Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/observasinos/vale/populacao/opcoes-religiosas-em-sao-leopoldo>. Acesso em: 28 dez. 2017.

10 Observatório do Vale do Rio dos Sinos, pertencente ao Instituto Humanitas Unisinos.

O diagnóstico nos permite alcançar uma análise acentuada sobre as religiões de matriz africana e a Umbanda em São Leopoldo, o profundo processo de *embranquecimento* da cultura popular da cidade; processo este que sistematiza a repetição da segregação de uma religião originalmente brasileira e fundada com o ideal de unificar os povos do nosso país. Em São Leopoldo, os recursos de negação da Umbanda são elevados, ficando nítida a interpelação das diversas culturas brasileiras que se expressam em uma esmagadora sobreposição de pessoas brancas umbandistas em relação aos negros e indígenas, visto inclusive que, somente 14% da população leopoldense se declara preta e/ou parda, de acordo com o censo do IBGE de 2010 (IBGE, 2012).

A população negra ou parda é diminuta no contexto urbano – trata-se de negros ou pardos umbandistas –, estamos nos referindo à produção de um gueto sociocultural e religioso, que ainda se dinamiza em tom de silêncio na cidade.

Parafraseando Follmann *et al.* (2017, p. 91) “*os tambores e atabaques continuam a tocar*”, entretanto, a cuidar se os mesmos toques que hoje singularizam a resistência da Umbanda nos seus mais de cem anos poderão novamente ser silenciados pelo som da sirene da injustiça.

A dificuldade em agenciar dados coesos sobre a história da Umbanda em São Leopoldo nos implicou a buscar informações relevantes sobre a doutrina em um Centro destacado pela ampla maioria dos Babalorixás e das Ialorixás, como o mais antigo da cidade, denominado *Centro Espírita de Umbanda Pai Peri*, fundado por Mãe Jovelina¹¹ em 20 de novembro de 1953.

O Centro de Mãe Jovelina dispõe de 46 filhos e filhas, tem a descendência do primeiro Terreiro tradicional da região do Vale dos Sinos, o Terreiro do Pai Tupinambá e Pai Tupaíba, ambas as Casas de Umbanda inauguradas em 1936 em Sapucaia do Sul – cidade vizinha de São Leopoldo e berço da Umbanda nesta região do Vale do Rio dos Sinos.

Mãe Jovelina relatou que sofreu muita discriminação na região, por inaugurar o seu Terreiro em um bairro onde nem a Igreja católica tinha chegado. Conforme ela, os padres da época a perguntavam o que ela queria inaugurando a sua *Casa de religião* em uma cidade que é re-

11 Sacerdotisa do Centro Espírita de Umbanda Pajé Peri e membro solene da União Espiritualista de Umbanda nos anos 60 a 80.

ferência pelo túmulo do Padre Reus¹². Isso fez com que Mãe Jovelina continuasse com o seu Terreiro tradicional com apenas três imagens no seu congá, motivada pelos desafios advindos da sociedade local e dos representantes religiosos da época.

As informações obtidas no Terreiro tradicional de Mãe Jovelina são preciosas e datam, talvez, a primeira vez que esse ícone da Umbanda da cidade de São Leopoldo abriu sua Casa para disponibilizar toda sua sabedoria de vida e religião na cidade. Com isso, registramos algumas frases proferidas pela sacerdotisa durante a visita que realizamos no dia 5 de setembro de 2017:

“A minha Umbanda é assim: “só entra quem quer”.

“Todas as religiões são boas, nós que somos ruins”.

“A matéria é fraca. As pessoas passavam dificuldade para vim receber caridade. Caminhavam até cinco horas por dia pelo meio do mato para chegar aqui”.

“Falta união na nossa religião”.

Diante de tanta riqueza reunida em palavras, comenta-se que Mãe Jovelina, considerada a maior referência viva da Umbanda em São Leopoldo, aprontou para religião de Umbanda, a grande maioria dos sacerdotes da cidade, inclusive, possuindo uma ligação de ancestralidade muito forte com o Centro de Umbanda Xangô da Mata Virgem.

Entre essas sombras e clarões se constitui a história e a atualidade da Umbanda na cidade de São Leopoldo; processo que se mescla com o próprio movimento de resistência cultural e religiosa da população negra em território predominantemente alemão.

O Centro de Umbanda Xangô da Mata Virgem

O Centro de Umbanda Xangô da Mata Virgem, fundado em 1997 por Sueli Guiomar dos Santos, é um Terreiro tradicional que está situado

12 Padre nascido em Pottenstein – Alemanha –, no ano de 1868. Padre Reus é uma referência religiosa da região do Vale do Rio dos Sinos (entorno de São Leopoldo/RS) e teve o seu falecimento no ano de 1947. Hoje muitos devotos do padre vão até o seu Santuário para cumprir promessas religiosas. Mais informações em: <http://www.asav.org.br/sobre-padre-reus/>. Acesso em: 29 dez. 2017.

na cidade São Leopoldo; bastante conhecido na região como o “Terreiro dos irmãos”, devido a sua constituição formada por irmãos de ventre.

Figura 1: Registro da entrevista das lideranças do Terreiro



Fonte: arquivo dos autores

Atualmente, o sacerdote da Casa é reconhecido como Pai Batista, que oferece a sua matéria para o trabalho do *caboclo*¹³ Xangô da Mata Virgem. Ele representa a autoridade política do Templo religioso, que é eleita pela herança da ancestralidade, nesse caso, a fundadora da Casa e antiga sacerdote o escolheu com o auxílio das entidades espirituais. Assim, em ordem hierárquica, seguem: o subchefe, a mãe-pequena, cambono e os filhos da Casa.¹⁴

13 Divindades, mais conhecidas pela sua falange indígena no Brasil, contêm um vasto conhecimento de ervas, plantas e chás. Responsáveis pela propagação espiritual da medicina tradicional indígena e pela cura de enfermidades.

14 **Sacerdote:** Zelador do Templo religioso, guardião. Pauta o rito, através de uma tradição oral ele já está demarcado, é o responsável por regular o funcionamento do Centro, começar as orações em busca de purificação, receber a entidade que rege a Casa entre outras funções específicas. **Subchefe:** 2º em comando, essa figura tem muita importância nas práticas da Casa de religião, ela destina os lugares para fazer as oferendas, despachos e trabalhos. É um auxiliar do sacerdote. Na situação dos irmãos, todos são os subchefes. **Mães-pequena:** São atribuições das pessoas, regidas por Oxum - somente mulheres - que fazem o trato com os orixás, são responsáveis pelos alimentos e pelos ornamentos do Templo religioso. Preocupam-se com a comida e as feitura da Casa. Cada um tem um dom, uma faz bolo, outra faz as oferendas, assim a Casa se permite existir. **Camponos:** Podem ser homens ou mulheres, normalmente são mulheres, suas atribuições são: ajudar na serventia dos orixás, fazer o chamamento das pessoas nos horários de consultas e passes espirituais. Em alguns Terreiros tradicionais, os camponos também são o subchefe, porém neste Terreiro específico não funciona desta maneira.

Os outros membros que compõem o Terreiro tradicional são responsáveis por gerir e seguir as normativas e regulações da Casa de religião, atuando na construção dos dias festivos, cerimônias, projetos culturais, serviços sociais e pela caridade.¹⁵

Portanto, a centralidade da gestão e da condução espiritual é desempenhada pelo sacerdote e sua entidade, que na crença umbandista é o chefe da Casa e detentor da última palavra hierárquica. Contudo, o Terreiro possui uma organização coletiva que visa o desempenho das atividades e debates de deliberações, situando todos os responsáveis – irmãos e filhos-de-santo – que se responsabilizam em buscar apoios e parcerias para manter a Casa funcionando.

O Terreiro tradicional não possui personalidade jurídica ou associação com alguma federação, porém, possui um CRAR (Certificado de Registro de Associação Religiosa) junto à Prefeitura Municipal da cidade de São Leopoldo, que a reconhece enquanto Templo de cultura religiosa tradicional.

Nota-se que o caboclo que rege a Casa atualmente (Pai Oxóssi), possui uma maneira ordeira de geri-la, eliminando as disputas aos cargos hierárquicos específicos, promovendo um envolvimento coletivo e uma harmonia decisória na administração do Templo. Dessa forma, somos levados a perceber que há um equilíbrio fecundo na *Capacidade Coletiva de Organização sobre o Território*.

Sobre a *Capacidade de Agenciamento Cultural Autônoma*, segundo pilar que subsidia os Indicadores de Bem-Estar para Povos Tradicionais (IBPT), o Terreiro tradicional se localiza na zona urbana de São Leopoldo/RS, mais precisamente no Bairro Feitoria. Dentro do território da comunidade, não há lagos, nem rios, porém, no cruzamento do terreno do Templo e o pátio do vizinho, existe uma nascente de água que atualmente está canalizada pela parede que reparte os dois terrenos.

A Casa de religião possui duas extensões situadas nas cidades de Tramandaí/RS – região litorânea do estado – e Taquara/RS (região metropolitana de Porto Alegre), ambas não possuem regulamentações legais, nem temos dados precisos para quantificar os seus perímetros atualmente. A maior parte da residência/Terreiro da cidade de São Leopoldo é usada

15 É importante frisar que os integrantes de tal Casa de religião realizam atividades de caridade ao mais desfavorecidos, compreendendo estas ações como papel fundamental de sua atuação social, política, cultural e religiosa.

para o estabelecimento dos seus moradores, onde se alojam para seus afazeres domésticos. A outra parte – Terreiro – que corresponde a 30% do espaço da residência é utilizada para a consolidação das práticas religiosas e para o atendimento ao público que procura por auxílio espiritual.

Identifica-se que estando em um meio urbano, a sede do Templo religioso detém uma organização metropolitana adaptada à cidade. Já as outras extensões de terra apresentam uma geografia típica e se situam em regiões de praia e mata, correspondendo às tradições e às crenças da própria religiosidade umbandista.

De acordo com as narrativas proferidas pelos participantes da Casa de religião, a organização destes territórios (cidade, praia e mata) possibilita aos membros e servidores, a realização de festividades e serviços específicos de acordo com a demanda da época e do trabalho.

Notadamente, se faz presente nos relatos, a grande preocupação que os religiosos demonstram com a ecologia e a biodiversidade, cultivando, ainda em seus rituais, o respeito à natureza e as suas entidades espirituais. Mostra-se o significativo saber ambiental transmitido pela oralidade das práticas religiosas da Casa, fomentando a conservação e potencialização dos recursos naturais disponíveis na terra. Porém, a condição regulatória destes espaços, assinala certa vulnerabilidade, na medida em que se encontram territórios, que pertencem aos religiosos, sem disposições de regulamentações adequadas.

Para além destes espaços ligados à natureza, outros elementos se ligam diretamente à capacidade de gerar e reproduzir aspectos culturais autônomos, com a perspectiva de manter sua sede na cidade, sendo esta fixa e de propriedade do núcleo familiar que alicerça a Casa de religião.

Sobre as dificuldades e interdições oriundas de invasões e conflitos por terras, indicador que sinaliza sobreposições e disputas por espaços e recursos dentro do território, o Terreiro tradicional não sofre com a sobreposição dos territórios latifundiários ou invasores, mas entende-se que dentro desta análise, se faz pertinente retomar a sobreposição discursiva que aparece dentro do meio urbano. Como o conflito com as religiões Pentecostais¹⁶ e Neopentecostais.¹⁷

16 Movimento de transformação e reavivamento espiritual oriundo de dentro do cristianismo, possuindo outra maneira de se relacionar com Deus, uma relação direta, o simbolismo do batismo no Espírito Santo. Para maiores informações, leia Souza (2002).

17 Para um debate apurado e com boas reflexões, vide Santos (2012).

Ao avaliarmos o potencial populacional e os fluxos migratórios, de acordo com as autoridades informantes, em 2017 o Terreiro contava com 25 membros. No ano de 2017 não houve nenhum nascimento e houve somente uma morte. Já no ano de 2015 a 2016, houve a morte da fundadora da Casa. Neste período houve três afastamentos¹⁸, que ainda segundo os colaboradores, não são entendidos como desligamentos por conflitos com as práticas da Centro, e sim, por idade e outras circunstâncias. No entanto, houve três participantes que retornaram ao Templo religioso em 2017, mantendo a média populacional da Terreiro tradicional em 25 membros.

Analizamos também o grau de inserção dos seus participantes nas estruturas formais de ensino. Dentro do bairro Feitoria, estão presentes sete escolas e dois colégios – dois de Ensino Médio e sete de Ensino Fundamental. Neste ponto, há uma ampla cobertura do modelo formal de educação no bairro. O número de pessoas vinculadas à estrutura educacional chega ao total da população atual, isto é, 100% do povo de Terreiro.

Neste cenário fica evidente a tramitação e a força do sistema formal de educação sobre a formação dos integrantes do Templo religioso, pois desde muito cedo os religiosos são ensinados a se autorreferenciarem com aquilo que já está posto hegemonicamente nos processos educacionais, valorizando muito pouco a sua cultura étnica, racial e religiosa. Apenas diante da lei 10.639/03, que foram inseridas algumas, não todas, discussões inerentes à história do negro afrodescendente e afro-brasileiro na escola formal e, por este motivo, hoje temos uma estrutura curricular mais afetada por essa discussão, assim como algumas metodologias de ensino preparadas para trabalhar as origens étnicas e raciais do nosso povo brasileiro (Veiga, 2016, p. 76).

No que tange ao seu reconhecimento étnico-racial, o processo de identificação estabelecido pelo povo deste Terreiro, se caracteriza e se identifica como umbandista espiritualista de linha branca; regidos pelo

18 Faz-se necessário entender o que significa afastamento para os membros do Terreiro. Afastamento para os religiosos significa a entrega total das guias para o sacerdote e aos orixás, fato que não ocorreu nesses últimos anos na Casa de religião. Então, efetivamente, o Terreiro tradicional apresenta uma estabilidade dos seus membros, tanto ativo nas sessões, quanto frequentantes nos dias dos rituais. Isto possibilita que a Casa de religião se mantenha e se ramifique. Segundo os dados obtidos, houve um crescimento de dois membros em relação ao ano anterior, indicativo que lhes permite avaliar o seu processo de crescimento.

caboclo Xangô da Mata Virgem, Oxóssi e pelo orixá Ogum. Parte das relações intrínsecas e cotidianas que seus seguidores estabelecem com as entidades facilitam nas resoluções dos problemas dentro da Casa e também nos problemas da vida íntima de cada membro.

Outro elemento de identificação, mais explícito, refere-se à expressividade oral, pois ao serem formados e construídos dentro da Casa de religião, a pessoa detém uma linguagem típica de quem habita a religião como modo de vida (Follmann *et al.*, 2017, p. 27). No caso do Centro de Umbanda Xangô da Mata Virgem 84% dos membros alternam a língua entre Iorubá, Tupi-guarani e Português.

O elevado grau de pessoas que oralizam e manifestam mais de uma língua é resultado da capacidade que os médiuns da Casa – pessoas que são usadas pelos orixás para que eles venham ao mundo trabalhar –, têm em incorporar e servir às entidades que chegam pelo toque do tambor ou por outro rito singular. Cada entidade –, entende-se "entidade" como linha vibratória próxima ao orixá, não o orixá em si – possui sua peculiaridade linguística e seus próprios movimentos. A linguagem típica de cada entidade representa uma significativa possibilidade de comunicação e articulação, entre ela e a sua falange, nesse mundo, isso legitima o reconhecimento da sua força pelos participantes dos ritos.

A possibilidade dessas entidades oralizarem a sua língua, seja ela *Iorubá, Tupi-guarani ou Português*, abrem uma fenda significativa de troca e fortalecimento, fazendo a resistência dessa religiosidade se perpetuar cada vez que uma entidade vem ao mundo dos humanos. Por fim, o alto índice de comunicabilidade ancestral na Casa de religião se apresenta como um facilitador, ampliando as possibilidades de laços afetivos e também, a confirmação que aquelas entidades vêm ao mundo trazendo a sua historicidade, seus valores, seu saber e espiritualidade, transformando o corpo do médium e o território do Terreiro tradicional.

As análises construídas expressam que os membros do Templo religioso possuem uma ampla luta de reconhecimento religioso, étnico e racial, então, se faz presente à afirmação de que todos os membros, como parte da Casa de religião, se autodeclararam umbandistas, como fator de análise, o núcleo gestor é formado por pessoas negras e de família de afrodescendentes da cidade de São Leopoldo/RS. Toma-se esta análise para pensar a importância da afirmação desse lugar para os religiosos, pois tal movimento tenciona a sociedade a mudar o seu modo de

entender a Umbanda dentro do século XXI, principalmente visto o elemento cultural predominante de origem alemã, relatado anteriormente, na sociedade leopoldense. (Follmann *et al.*, 2017, p. 29).

O Terreiro tradicional, segundo os relatores, enfrenta uma série de restrições frente ao direcionamento das suas atividades para a sociedade em geral, fator que justifica a necessidade do *sincretismo*, de acordo com Omolubá (2014, p. 14):

O Sincretismo na Umbanda é constituído pelo Africanismo, Cristianismo e Hinduísmo, recebendo, contudo, influência do Catolicismo e Espiritismo. Do Africanismo recebeu, para máxima devoção, o Ser Supremo OLORUM ou Zambi e apenas doze orixás do extenso panteon africano, assimilando-os integralmente; do Cristianismo, bebeu das primeiras águas do “Amai-vos uns aos outros” e “Fora da caridade não há salvação” e de outras sentenças crísticas atinentes a um comportamento fraterno universalista. Do Hinduísmo, a Umbanda aprendeu três Leis: Carma, Reencarnação e Evolução.

Por fim, avançando na análise da Capacidade de Agenciamento Cultural Autônomo do Terreiro Xângô da Mata Virgem observamos suas festividades tradicionais: Festa de Oxóssi – 20 de janeiro; Iemanjá – 2 de fevereiro; Ogum – 23 de abril; Preto Velho – 13 de maio; Xangô – 24 de junho; Cosme – 26 de setembro; Festa da Casa – 15 de novembro, Oxum – 8 de dezembro. Em todas as festividades do Centro são trabalhadas a importância dos alimentos, ritos, músicas e danças feita aos orixás e as entidades.

A principal festa do Templo religioso é comemorada no dia 24 de junho, esta confraternização é realizada em saudação ao caboclo Xangô da Mata Virgem, por ser um ser de luz sábio e ordeiro, o Templo circula seus afetos e seu modo de funcionamento pelos poros da sua entidade regente. “Na festa de Xangô, todos sabem que não pode faltar uma boa comida e uma boa organização da Casa para prestigiá-lo” afirma uma filha-de-santo.

Figura 2: registro de uma sessão religiosa no Terreiro tradicional



Fonte: arquivos dos autores

Segundo os integrantes do Templo religioso, quando há outras festividades, exemplo: festa de Iemanjá – dia 2 de fevereiro –, confraterniza-se com outros Terreiros tradicionais do estado e até do Brasil, saudando o/a orixá/iabá¹⁹ na beira do mar e, realizando alguns rituais e oferendas na praia.²⁰ Vislumbra-se que nas outras práticas culturais do Terreiro as matrizes de pensamento continuam sendo as mesmas, sempre promovendo a relação pontual entre a natureza e as entidades. Segundo a autoridade do Terreiro, Pai Batista: *o povo de Terreiro aproveitava o sincretismo criado sobre Iemanjá pela sociedade e então, promove a sua liberdade religiosa ao ar livre, com a participação da sociedade em geral.*

Como citado anteriormente, tendo em vista que a Casa possui sede própria, apesar de alguma vulnerabilidade no registro de suas sedes em outros municípios; não se possui risco eminente de invasão ou sobreposição em seu território; mantendo uma constância em sua população frequentadora – povo de terreiro; está significativamente inserida nos circuitos educacionais formais da região, de maneira crítica e dialógica com seus próprios processos educacionais. Possui processos ativos e representativos de sua identidade religiosa, promovendo com empenho e

19 Entende-se por Iabás, definição utilizada na Umbanda, para definir as divindades femininas.

20 Outras festividades também são compartilhadas coletivamente com outros Terreiros tradicionais, como festa de Ogum, Cosme, Preto Velho.

sistematicidade suas festividades tradicionais; podemos afirmar que o Terreiro tradicional Xangô da Mata Virgem possui uma efetiva Capacidade de Agenciamento Cultural Autônomo.

Devemos afirmar isto, contudo, sem perder de vista as resistências, exclusões e dificuldades enfrentadas, não apenas pelos integrantes desse Centro de Umbanda, mas por praticamente toda população umbandista da cidade. Como já referimos processos estes categoricamente desencadeados pela histórica cultura europeia de São Leopoldo, em parte, pela meteórica ascensão, nos últimos vinte anos, das religiões pentecostais e neopentecostais, em especial aquelas que adotam o emblemático discurso da intolerância religiosa e demonização da crença do outro.

Um terceiro elemento que conjuntura o processo de Bem-Estar de uma comunidade ou território tradicional, a partir da ótica dos IBPT, refere-se à *Capacidade daquela população em Garantir sua Autonomia Alimentar*.

Essa perspectiva transcende a usual expressão de seguridade alimentar, pois esta, pouco se importando com os aspectos culturais de cada povo, observa exclusivamente as taxas de nutrição e balanceamento alimentar da população, tratando com irrelevante a qualidade do alimento, seus modos de aquisição, controle e armazenamento, assim como seu cabedal simbólico dentro do universo cultural. Por sua vez, Autonomia Alimentar transcende o espectro das necessidades básicas e observa qualitativamente os alimentos produzidos e consumidos a partir de uma ótica cultural e espiritual daquela população.

Os hábitos alimentares do povo de Terreiro são bem peculiares, usualmente, o arroz com galinha (normalmente se prepara o arroz e a galinha separados), geralmente é um prato servido para as celebrações fúnebres, pois é prato de Egum²¹, e, não pode ser consumido em dias usuais. Outros pratos são de consumo aberto e natural ao longo da semana, sem quaisquer proibições alimentícias, nem restrições doutrinárias.

Os mantimentos, animais para os cerimoniais e os materiais para o funcionamento dos rituais da Casa, são adquiridos no comércio local, fruto da industrialização desempenhada ao longo dos anos na região

21 Eguns, para os umbandistas, são espíritos desencarnados que ainda não adquiriram um grau de consciência espiritual, muitas vezes nem sabem que estão desencarnados, percorrendo planos vibratórios terrenos. Em algumas situações, conseguem ligar-se a algum encarnado, tornando-se um obsessor espiritual para a pessoa e absorvendo a energia vital, por meio de vícios e pecados.

metropolitana. Dentro do território do Terreiro há plantio de poucos alimentos, apenas alguns chás e temperos para o consumo nos rituais religiosos tradicionais. A maioria dos insumos são comprados e consumidos logo em seguida, pois os religiosos primam pelo sabor e pela acuidade dos pratos que são servidos aos membros da Casa, convidados e as entidades religiosas.

Partindo do princípio que a modalidade de plantio e cultivo não agenciam os meios de produção da Casa de religião no contexto urbano, nota-se que realmente o Terreiro não possui modos de cultivos no momento, porém, dispõe de um grande potencial de terras cultiváveis e a garantia de sustentabilidade e autonomia alimentar futura, caso necessário. Esta potencialidade se percebe analisando as extensões do Terreiro tradicional principalmente na cidade de Taquara/RS – que não foram mensuradas – mas representam uma possibilidade de plantio e cultivo, já existindo inclusive um projeto em construção para esses fins.

A elaboração destes projetos não tornará a agricultura a principal fonte de renda e subsidio do Terreiro tradicional Xangô da Mata Virgem, mas proporcionará um novo modo de fazer religião e um escape das amarrações econômicas de mercado; o que hoje representa certa vulnerabilidade, pois se depende do recurso financeiro para aquisição dos elementos básicos requisitados a prática religiosa; ademais, corrobora para que as suas sacralizações tenham um contato mais íntimo com a natureza e um cuidado específico, fator com significativa carga simbólica às práticas religiosas do Terreiro tradicional.

Diante dos meios de conservação dos alimentos não se percebe, segundo os membros do Templo religioso, a necessidade de transformação e beneficiamento de qualquer alimento, pois realizam a compra dos produtos já prontos, facilitando o manejo e a utilização para as cerimônias. Da mesma forma, o armazenamento dos grãos da dieta do povo de Terreiro não se válida para a esfera privada e, sim, se aloca nos equipamentos de armazenagem do comércio local.

Na medida em que observamos a dependência dos recursos financeiros para aquisição de insumos básicos para as práticas religiosas, podemos perceber algumas vulnerabilidades ligadas a Autonomia Alimentar da Casa, que por hora, buscam sanar estes elementos através de uma previa organização que vislumbra uma melhor utilização dos terrenos disponíveis no interior.

Sobre a *Capacidade de Construir um Ambiente Tranquilo*, indicador este que assinala a dinâmica das relações que se constituem no território, se baseando no respeito e na normatividade, assegurando os processos harmônicos de convivência. Os falantes relataram que já existiram conflitos entre as lideranças do Terreiro tradicional e um membro de outra religião, esse fato ainda gera um impasse no que diz respeito ao diálogo inter-religioso. Porém, internamente, os religiosos manifestam que na atualidade o Templo religioso está bem integrado com os moradores locais, havendo uma relação de respeito à religiosidade dos componentes da comunidade urbana.

Todo e qualquer problema interno construído pelos membros do Templo religioso, por exemplo: as disputas de ego e poder, são solucionados e gerenciados pelo orixá chefe da Casa (Pai Oxóssi) que é conhecido dentre os umbandistas como o orixá ordeiro, conciliador, sábio e suntuoso. Outro fator importante é a promoção do diálogo entre irmãos que dirigem a Casa, que sempre foi enfatizado como princípio de funcionamento harmônico do Terreiro tradicional, mesmo antes do falecimento de sua fundadora.

Ainda sobre algumas afetações externas, segundo o sacerdote da Casa, busca-se sensibilizar as pessoas sobre a temática das drogas e do consumo de álcool. Frente a este trabalho preventivo, se assinala que não existem casos crônicos registrados. Da mesma forma, a temática da sexualidade e da contaminação por DSTs que é abertamente tratada com os membros, muitas vezes, em formações dentro das próprias reuniões do Centro de Umbanda.

Sendo, portanto, os membros geridos por uma diretriz hierárquica espiritual que orienta, harmoniza e soluciona os possíveis conflitos, segundo as regras da Umbanda e de seu orixá regente. Há diálogo, respeito e harmonia entre os irmãos sanguíneos que realizam a administração do Templo e deles com os demais frequentadores.

Podemos afirmar, que internamente, existe uma significativa capacidade de consolidar um ambiente tranquilo para se viver dentro do Terreiro tradicional.

Por fim, no que se refere à *Capacidade de Autocuidado e Reprodução*, indicador que avalia desde o acesso à água potável, outros serviços públicos básicos até estruturas e pessoas que trabalham na saúde dos membros, apontam-se que geralmente o povo de Terreiro utiliza do

abastecimento de água urbano, e na falta deste, procura-se armazenar água na caixa de água – reserva para as situações de emergências que se encontram no território.

O Terreiro conta com um sistema de abastecimento de água disponibilizado pelo Serviço Municipal de Água e Esgoto em São Leopoldo, Rio Grande do Sul (Semae), que distribui água potável para toda cidade. Ademais, a constituição da sede do Terreiro conta com serviço de água encanada, esgoto, energia elétrica e coleta de lixo. Por estar inserido dentro do meio urbano, possui características similares às moradias da região, sendo adequado o nível de serviços básicos influentes na saúde de seus frequentantes.

Tratando-se de saúde percebemos que existe um número relevante de frequentadores da Casa com quadros hipertensão e anemia falciforme; aproximadamente 15 integrantes dos 25 membros, números que retratam a constante luta que as autoridades da Casa de religião estabelecem contra a alimentação dos membros, construindo palestras, sempre que possível, sobre a saúde e bem-estar do corpo do médium. Diversas vezes, segundo os membros da Casa de religião, foram convidados profissionais para conversarem e orientarem o povo de Terreiro, sobre os cuidados com a saúde, física, mental e espiritual.

Sobre estes e os demais aspectos relativos à saúde, as pessoas e estruturas que podem prevenir doenças, se utilizam de plantas e ervas da medicina tradicional de maneira complementar a medicina formal, sem conflitos entre ambos. Ademais, existem entidades que são referências nos casos da medicina tradicional, são elas: pretos velhos, caboclos e orixás. Além disso, a comunidade em que a Casa de religião está inserida conta com um uma unidade básica de saúde – UBS/COHAB – Feitoria –, que é utilizada por todos os membros da comunidade local.

É significativo o número de comunitários no bairro onde a Templo religioso está inserido que chegam até a Casa de religião buscando recursos complementares e espirituais para suas enfermidades, demonstrando o importante papel social que o Terreiro desempenha no campo da saúde e em seu entorno.

Frente à quantidade geral dos membros do Terreiro tradicional e suas atribuições religiosas – transes, possessões e incorporações – é considerável o número de pessoas apontadas como referências para atenção dos enfermos, chegando a 32% dos membros atuais. Sendo assim, são

consideradas fortes as práticas espirituais de enfrentamento às doenças emergentes dos membros do Terreiro tradicional e seus frequentantes.

Visto isto, percebemos que a Casa de religião Xangô da Mata Virgem apresenta uma boa capacidade em lidar com as enfermidades dos seus membros e da comunidade que a procura, adotando a medicina formal como amiga e cooperando no processo de cuidado e caridade da religião.

Referente ao processo de vir à vida, visto que os integrantes pertencentes à Casa de religião Xangô da Mata Virgem está inserida no meio urbano, não existindo nenhuma parteira na Casa. Os cuidados antes e depois do parto, vacinas e registros são realizados pelo sistema formal de saúde. Em paralelo, as práticas religiosas, segundo o povo de Terreiro, regimentam o lado espiritual tanto da mãe, quanto da criança durante e depois da gestação. Desta forma, neste ponto, o Terreiro tradicional responsabiliza-se pela proteção e o acompanhamento espiritual do feto e seus progenitores, mais uma vez, complementando-se com os cuidados da medicina formal.

A atenção pós-parto é desempenhada novamente pelas duas instâncias, sendo elas formais e religiosas. As práticas mais desempenhadas pelos religiosos, nesse quesito, referem-se a banhos, orações e rituais de proteção.

Desta forma, a capacidade de autocuidado e reprodução ofertada pelo Templo religioso, aos seus integrantes e a população em geral, é extremamente adequada, trabalhando de maneira plural e aliada com as tratativas da medicina formal, garantindo a comunicação entre o serviço público básico e os cuidados tradicionais, estes, formalizados em sua sede para os participantes dos rituais.

Conclusões

Este breve artigo que versa sobre o projeto de aplicação dos Indicadores de Bem-Estar de Povos Tradicionais (IBPT) no Centro de Umbanda Xangô da Mata Virgem, nos possibilita vislumbrar os desafios enfrentados pelos povos de Terreiro, tanto de Umbanda como das religiões de matriz africana em todo o Rio Grande do Sul. Desafios estes que se acentuam em termos de exacerbação dos preconceitos e colocam as Casas de religião como protagonistas de uma luta, resistência e manutenção das culturas ancestrais da nossa própria história.

Tratando-se especificamente do Terreiro tradicional Xangô da Mata Virgem, percebemos que suas Capacidades avaliadas são positivas demonstrando harmonioso processo de Controle Coletivo sobre o Território; elementos significativos de Agenciamento Cultural Autônomo; normativas eficazes na consolidação de um Ambiente Tranquilo; elementos básicos satisfatórios e em comum acordo com os processos formais que garantem uma boa Capacidade de Autocuidado e Reprodução, mostrando apenas parcial fragilidade na Capacidade de Soberania Alimentar, contudo, esta compreendida como equânime das Casas de religião que se localizam em território Urbano.

Por todos esses elementos somos levados a apontar que o bem-estar no Terreiro tradicional Xangô da Mata Virgem em São Leopoldo/RS assenta-se sobre os laços da parentalidade, laços afetivos, organizacionais e espirituais entre os médiuns e seus orixás. Síntese das capacidades de Bem-Estar do Terreiro Xangô da Mata Virgem (Figura 3):

Figura 3. Síntese sistemática de cada capacidade avaliada após a aplicação dos indicadores de bem-estar para povos tradicionais.



Referências

- ANDRADE, João Tadeu de e MELLO, Márcio Luiz e HOLANDA, Violeta Maria de Siqueira (org.). *Saúde e cultura: diversidades terapêuticas e religiosas*. Fortaleza, EdUECE, 2015.
- BRASIL. IBGE. *Censo Demográfico*, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 8 set. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto (MEC). *Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 16 dez. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC). *Lei n.º 10.639, 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: MEC, 2003. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro-2003-493157-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 16 dez. 2018.
- BRASIL. Serviços e informações do Brasil. Pesquisa: População brasileira passa de 207,7 milhões em 2017. *gov.br*, 23 dez. 2017. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/08/populacao-brasileira-passa-de-207-7-milhoes-em-2017>. Acesso em: 28 dez. 2017.
- CARNEIRO, Edson. *Religiões Negras: negros bantos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- FOLMANN, José Ivo *et al.* *Processos de identidade, relações étnico-raciais e relações religiosas*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2017. (Coleção Neabi: refazendo laços e desatando nós, 4).
- FOLLMANN, José Ivo; PINHEIRO, Adevanir Aparecida. Afrodescendentes em São Leopoldo: memória coletiva e processos de identidade. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 47, n. 2, p. 141-152, maio/ago. 2011.

- GUIMARÃES, Renato. A provável tenda de Umbanda mais antiga do RS. *Registros de Umbanda*, 2 set. 2010. Disponível em: <https://registrosdeumbanda.wordpress.com/2010/09/02/a-provavel-tenda-de-umbanda-mais-antiga-do-rs/>. Acesso em: 28 dez. 2017.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2010: Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em: 2 jan. 2021.
- OMOLUBÁ. *Doutrina e práticas umbandistas: cadernos de Umbanda*. São Paulo: Ícone, 2014.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração das Nações Unidas sobre os Povos Indígenas: perguntas e respostas*. 2. ed. Rio de Janeiro: UNIC; Brasília: UNESCO, 2009.
- PINHEIRO, Adevanir Aparecida (org.). *África e afrodescendentes no sul do Brasil: história, religião e educação*. São Leopoldo, Casa Leiria, 2015. (Coleção Neabi: refazendo laços e desatando nós, 2).
- PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos avançados*, v. 18, n. 52, p. 223-238, 2004.
- SANTOS, Milene Cristina. *O proselitismo religioso entre a liberdade de expressão e o discurso de ódio: a "guerra santa" do neopentecostalismo contra as religiões afro-brasileiras*. 2012. 245 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- SILVA, V. G. da. *Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- SOUZA, Etiane Caloy Bovkalovski de; MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. Os pentecostais: entre a fé e a política. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 43, p. 85-105, 2002.
- VEIGA, Cláudio Kieffer. *Comunidades africanas no Brasil: a exclusão social e a diversidade cultural do povo de terreiro e sua proteção pela OIT*. Curitiba: Juruá, 2016. 212 p.